

**ENSINO REMOTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
USO DE TECNOLOGIA E SEUS DESAFIOS DURANTE A PANDEMIA**

Laura Carolina Valjão
Letícia Araújo Figueiredo

RESUMO: Devido à pandemia do coronavírus no Brasil, a tecnologia se tornou o principal aliado entre professores e alunos. Os recursos tecnológicos, que até então eram utilizados pelos estudantes apenas para entretenimento, tornaram-se uma ferramenta pedagógica indispensável no dia a dia escolar. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo expor quais foram os desafios e vantagens encontradas durante a implementação do Programa Residência Pedagógica, do curso de Letras-Português, ao trabalhar com o ensino remoto os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa, na turma do 6º ano C, do 2º Colégio da Polícia Militar do Paraná - Londrina. Para tal, foi relevante recorrer às contribuições de Romanowski, Wunsch, Mendes (2020) e Lopes, Gabardo (2020) que abordam temas sobre ensino remoto e recursos tecnológicos. Observou-se que foi através da prática, que a tecnologia é uma grande aliada ao fazer com que o ensino remoto alcance seu objetivo final, de ensinar efetivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa; Tecnologia; Ensino Remoto.

1. Introdução

A tecnologia há algum tempo já vem sendo inserida no contexto escolar por diversos motivos, seja para facilitar o processo de ensino/aprendizado e também para atrair o olhar dos alunos para novas situações que fogem da rotina cotidiana em sala de aula. Em um cenário de pandemia, a tecnologia não foi usada apenas como estratégia, mas sim, como uma necessidade, tratando-se do único recurso possível e disponível para não deixar a educação parar, para manter a atividade educacional mesmo que dentro das casas de cada aluno.

Principalmente pela urgência do uso da tecnologia para um ensino remoto é que professores e alunos vêm enfrentando grandes desafios no modo de ensino atual. Pré-adolescentes estão mais que acostumados com as telas, mas dessa vez, eles precisaram usá-las com um objetivo diferente daquele costume habitual, o do entretenimento, precisaram dedicar mais tempo em frente às telas com o objetivo de aprender. Além de grandes desafios, o ensino remoto proporcionou algumas facilidades educacionais, tanto para professores, quanto para os

alunos, como por exemplo, a facilidade em compartilhar imagens e vídeos relacionados à aula, jogos em que os alunos podem competir entre si, sobre o conteúdo exposto e diversas outras ferramentas que a tecnologia pode proporcionar.

É nesse cenário que o programa de residência pedagógica deu continuidade ao seu trabalho mantendo todos os recursos oferecidos anteriormente, como o professor preceptor regente na escola e o professor supervisor docente na universidade onde as residentes estudam, portanto, partindo do exposto, este artigo tem como objetivo relatar a experiência pedagógica diante do ensino remoto em uma perspectiva de pandemia.

2. Primeiras impressões

A inserção no programa de residência pedagógica foi realizada em dupla, em uma turma do 6º ano do 2º Colégio da Polícia Militar do Paraná, na cidade de Londrina, sob orientação da professora preceptora Celciane Alves Vasconcelos. A partir do contato com os professores experientes e com a sala de aula, vivenciando e colocando em prática os métodos de ensino, foi possível identificar e reconhecer a importância do programa de residência para a formação integral de professores, portanto, a prática de estágio se enquadra em um momento privilegiado no qual o aluno coloca em prática a teoria absorvida durante o curso de licenciatura.

A regência no modo remoto teve diversos pontos positivos e alguns negativos. Os alunos do 6º ano, de modo geral, interagiram muito bem com as aulas virtuais, deixando-as mais dinâmicas e mais fluídas, esse foi um ponto bastante positivo. Contudo, foi preciso dedicar uma atenção maior ao tempo das aulas para que fosse aplicado todo o conteúdo planejado, dentro do tempo esperado, de modo que não ficasse conteúdo atrasado, mas também que não sobrasse tempo deixando os alunos ociosos no fim da aula; dessa forma, a questão do planejamento do tempo, nas aulas, sempre foi um desafio.

O método remoto trouxe algumas facilidades para resolver a questão do tempo, ou seja, para o final das aulas sempre tivemos a opção de conversar sobre o conteúdo aplicado, e além disso, foi possível trabalhar com alguns jogos *on-lines*, o que proporcionou um interesse maior por parte dos alunos, porque esses jogos virtuais – como por exemplo, a plataforma Quizizz - oferecem um placar e uma pontuação ao final dos formulários respondidos, e dessa maneira, com as atividades praticadas nos jogos, tanto os alunos, quanto as residentes

conseguiram verificar o aprendizado das aulas, se os alunos, de fato, conseguiram absorver todo conteúdo trabalhado.

Percebe-se então, que a tecnologia está cada vez mais avançada e tornou-se um elemento indispensável no dia a dia de diferentes profissões, proporcionando maneiras de aproximar pessoas, e com a Educação, não poderia ser diferente. Contudo, pode-se dizer de um modo genérico, que a Educação Básica tinha um olhar desconfiado com relação ao emprego das tecnologias nas instituições de ensino público, devido ao Projeto de Lei n.º 2.246-A, que proíbe terminantemente o uso de aparelhos digitais nos interiores das salas de aula, acarretando em sanções.

Mesmo que a EaD tenha se desenvolvido no Brasil a partir do século XIX, o sistema educativo brasileiro básico, até agora, é tradicionalmente realizado por meio presencial. A utilização da tecnologia em sala de aula sempre foi muito tímida, principalmente nos primeiros anos escolares. (ROMANOWSKY, WUNSCH, MENDES, 2020, p. 79).

Apesar da tecnologia já ser usada como meio de ensino-aprendizagem, havia um incentivo muito tímido das escolas para que os alunos usassem a tecnologia vinculada à educação. Ocorria certo receio de utilizar a tecnologia no ambiente escolar, pois ela poderia ser utilizada como fonte de distração no horário das aulas. Porém tais recursos tecnológicos foram quase que exclusivamente usados para a formação profissional, na formação tecnológica ou em níveis de graduação e pós-graduação.

A partir da publicação da LDB, legislações complementares oficializaram a modalidade como uma alternativa de educação regular. O marco da regulamentação se deu por meio do Decreto no 2.494/1998, que a elevou ao conceito de Educação a Distância (EaD) (MENDES *et al.*, 2010). Atualmente, cursos em nível de graduação e pós-graduação são oferecidos a distância, promovendo a efetiva garantia à educação. (ROMANOWSKY, WUNSCH, MENDES, 2020, p. 80).

Devido à pandemia do Coronavírus no Brasil e, conseqüentemente, ao isolamento social, as escolas, professores e alunos precisaram dar uma pausa no ensino presencial tradicional. Após semanas com o ensino básico praticamente parado, a SEED-PR precisou tomar medidas rápidas e eficazes, para que os alunos não ficassem sem aulas; dessa forma,

surgiu a necessidade de substituir a sala de aula presencial, pelo ensino à distância, ou seja, ensino remoto.

De tal modo, o Governo Federal publicou o decreto nº 10.312/2020 que possibilitou a “utilização dos canais de radiodifusão de sons e imagens em tecnologia digital, com fins exclusivamente educacionais”. (BAGAI, 2020 *apud* Romanowski, Wunsch, Mendes, 2020). Tal medida efetiva o acordo dos estados, Distrito Federal e municípios para a utilização dos recursos tecnológicos de multiprogramação, visando às atividades educacionais. Aqui no Estado do Paraná, a rede estadual de ensino implantou um pacote de ações para a manutenção das aulas, chamado EAD Aula Paraná que, “No período da pandemia de Covid-19, os estudantes da rede pública podem assistir às aulas por meio de um aplicativo e em canais de TV vinculados à RIC, afiliada da Rede Record no Paraná” (PARANA, 2020).

Contudo, infelizmente, “Aprender integralmente à distância, para os estudantes, é um grande desafio, não só pelas novas ferramentas e pelo perfil, mas porque nem todos têm acesso à internet, considerando a quantidade de famílias que vivem em vulnerabilidade social no estado do Paraná e no Brasil” (BAGAI, 2020 *apud* Romanowski, Wunsch, Mendes, 2020). A desigualdade social ainda é muito presente em nosso país, e digo isso não somente pensando no aspecto econômico, mas também pensando na instituição familiar.

Se analisarmos a situação da relação família-escola, percebemos uma insuficiência dessa relação. Ainda não há um incentivo efetivo dos pais e familiares responsáveis pela educação do aluno no ensino presencial, quando partimos para um ensino à distância a situação torna-se ainda mais preocupante. Os alunos ainda parecem estar relutantes com esse novo modelo de ensino, por agora, remoto; nas aulas assíncronas muitos ainda hesitam em abrir suas câmeras e microfones para que possam ter uma relação com seus colegas e professores, tirarem suas dúvidas e fazerem uma construção efetiva do conhecimento.

Acredita-se que boa parte dos alunos que apresentam tal comportamento, agem dessa maneira por pensar que o ensino remoto nada mais é do que conteúdo de aula presencial passados virtualmente:

[...] tende-se a utilizar a web para confecção de exercícios mecanizados – de resposta automática, fóruns – muitas vezes respondidos exclusivamente pela obrigação de fazê-lo –, a entrega de materiais escaneados – como textos – ou o compartilhamento de links diversos. Não raro, tais exercícios reproduzem uma lógica muito similar a dos materiais já existentes, agora disponíveis online. (LOPES, GABARDO, 2020, p. 19).

As escolas e os professores ainda estão aprendendo a lidar com essa realidade completamente nova, há alguns que ainda se negam que essa forma de ensino possa ser efetiva e acabam, infelizmente, por reproduzirem um ensino nos moldes dos anos 1970 para uma realidade tão tecnológica.

Felizmente, a tecnologia veio para aproximar àqueles que estão longe. As ferramentas das plataformas digitais como aulas síncronas, *chats*, fóruns de discussão, gravação de videoaulas e afins, simulam a realidade e tornam as relações interpessoais possíveis e, fazem da interatividade uma ferramenta motivacional.

Entretanto, é relevante observar que as possibilidades de compartilhamento e de autoria coletiva de materiais têm transformado deveras a escola. Primeiramente porque o professor agora tem a possibilidade de assumir um protagonismo que, embora não fosse impossível, demandava o acesso a fontes de informação que, muitas vezes, não estavam disponíveis. Algo que, em um certo nível, pode ter sido solucionado pela revolução digital. (LOPES, GABARDO 2020, p. 24).

Estratégias como aplicar atividades que aguce a curiosidade do aluno, preparar questões em plataformas diferentes levando o aluno a uma nova janela de conhecimento, fazer com que o aluno se sinta peça chave para o aprendizado de todos, podem tornar aliadas do professor neste momento em que todos aprendem a lidar com a realidade. Atentando-se sempre que, para que o conhecimento se realize concretamente, a busca pela realização da coletividade é essencial, uma vez que os alunos estão aprendendo quase de maneira autônoma, para que este momento de isolamento social se torne ínfimo.

3. Como funciona na prática

A projeção do conteúdo por meio do plano de aula é essencial para o trabalho docente, porém no ato de sua implementação, podem ocorrer fatores que não foram levados em

consideração até então. Durante a aplicação de uma atividade para a turma do 6º C ocorreu um imprevisto. O exercício deveria ser realizado simultaneamente pelos alunos que estavam *on-line*, através da plataforma *Google Meet*, mas alguns alunos conseguiram finalizar as questões primeiro do que outros e isso gerou certo desconforto porque alguns pediam para subir a tela do computador, e outros mais retardatários pediam mais tempo para finalizar a questão. Esse problema, por exemplo, não aconteceria em um ambiente comum de aula presencial no qual o educador entrega folhas impressas de exercícios e cada um faz suas atividades dentro de seu tempo. Contudo, a experiência foi muito válida, pois foi possível perceber a necessidade individualizada de cada aluno e também serviu de aprendizado para que nós docentes pensemos em outras ferramentas para apresentar e executar as tarefas em sala de aulas remotas.

Apesar do exemplo mencionado acima descrito como ponto negativo, tiveram muitos pontos positivos, como a possibilidade de compartilhamento rápido de qualquer informação que é algo que a tecnologia proporciona e isso enriquece muito o ensino, principalmente, pelo fato de os alunos interagirem com a aula, podendo ocorrer uma nova possibilidade de compartilhamento durante o andamento da aula e através do computador, que já é ferramenta de trabalho no ensino remoto e essa mudança pode ser feita rapidamente.

A facilidade em compartilhar imagens, vídeos e conteúdos relevantes, durante a regência das aulas, é muito grande, pois as ferramentas disponíveis pela plataforma *on-line* são de fácil acesso, como por exemplo, o compartilhamento de vídeos com conteúdo explicativo, o uso do *Kahoot*, ferramenta que oferece a possibilidade de criação de um jogo sobre o conteúdo do qual a professora quer oferecer aos alunos e também compartilhamento de imagens e informações relevantes com relação ao conteúdo abordado.

A tecnologia desenvolvida para o ensino remoto foi essencial nesse processo de fazer as aulas acontecerem, portanto, a experiência com a turma do 6º ano foi muito positiva, eles apresentaram bons níveis de frequência, além da boa interação e interesse pelo conteúdo, assistiam às aulas usando uniforme – mesmo estando em casa –, a experiência incluiu algo muito além do ensinar, incluiu troca de aprendizado e ensino.

4. Conclusão

Em suma, descobre-se que a tecnologia, se for usada visando a interação social e o

conhecimento compartilhado, sustenta o processo de ensino-aprendizagem. A rápida facilidade em compartilhar vídeos, imagens, hiperlinks no ensino remoto é a manifestação de que, os meios tecnológicos facilitam na construção do conhecimento e na motivação dos alunos e professores, tornando a educação neste momento de pandemia menos melancólica.

Apesar das metodologias ativas terem sido aplicadas de forma urgente por conta da situação atípica, pode-se afirmar que o processo de ensino-aprendizagem ocorreu, mesmo que de forma diferenciada, e com certeza deixará seu legado para futuros educadores no formato de ensino presencial.

Tanto alunos quanto professores, aprenderam a estudar e ensinar através dessas ferramentas, isso será um grande complemento para a educação e a tecnologia, com certeza, será responsável por uma grande evolução na educação pública, considerando que a tecnologia já fazia parte de uma parcela menor da sociedade que estudam em escolas privadas, ou seja, desse modo, os alunos da escola pública estarão em situação de maior igualdade social, perante aos demais alunos que já estavam aprendendo com o auxílio da tecnologia.

Por fim, mesmo considerando a situação pandêmica, o trabalho executado e aprendido foi de grande valia, e a tecnologia teve seu papel primordial nesse processo, foi por meio e através dela que a educação foi mantida para a maioria dos alunos, portanto, o trabalho precisa ser nutrido e continuar evoluindo, dessa vez, em breve, na sala de aula de forma presencial também.

Referências:

LOPES, Esteves de Lima, GABARDO, Maristella. Horizontes em tecnologia, ensino e sociedade. **Diálogos Interdisciplinares em Linguística Aplicada**. Curitiba: IFPR, 2020. CDD, 23 ed., 410.

ROMANOWSKI, Joana Paulin, WUNSCH, Luana Priscila, MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. **Educação e tecnologias: desafios dos cenários de aprendizagem**. Curitiba: Bagai, 2020, 1 ed.

PARANA. **Aula Paraná**. Disponível em: <<http://www.aulaparana.pr.gov.br/servicos/Servicos/Educacao/Acessar-o-Aula-Parana-JVN6RYNP>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Projeto De Lei N.º 2.246-A, de 2007 (Do Sr. Pompeo de Mattos)**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286>. Acesso em: 20 jun. 2021.